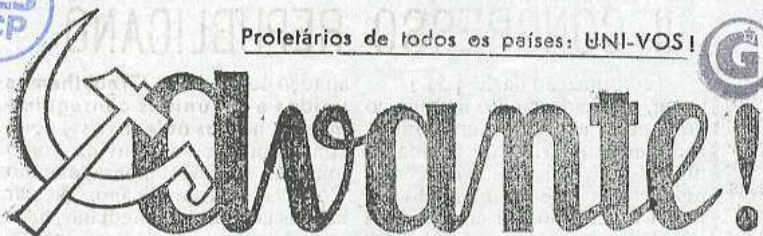


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## A CLASSE OPERÁRIA CORRESPONDE AO APELO DO PARTIDO

Desde a formação do governo de M. Caetano a classe operária tem-se mantido na ofensiva, conduzindo uma vaga de greves, paralisações e outras acções reivindicativas que põem em cheque a demagogia liberalizante e têm sido um factor dinamizante e decisivo na viragem da situação política nacional.

Na sua recente entrevista à Rádio Portugal Livre o camarada Álvaro Cunhal, Secretário Geral do P.C.P., sublinhou que a classe operária correspondeu ao apelo do Partido Comunista que desde a primeira hora insistiu tanto na necessidade de desmascarar a demagogia liberalizante, como na necessidade de aproveitar o agravamento da crise do regime para quebrar o imobilismo político, conquistar posições, obrigar o governo a cumprir promessas demagógicas, organizar e intensificar a luta por objectivos concretos imediatos. «Estas lutas, embora com objectivos imediatos de natureza económica (acentuou o camarada Álvaro Cunhal) constituíram sem qualquer dúvida, pelos seus resultados, pelo seu carácter, pelo seu significado, pela forma de greves que em muitos casos assumiram, as mais importantes lutas contra o fascismo desde a constituição do governo de Marcelo Caetano».

### CONTINUA A OFENSIVA DOS TRABALHADORES!

Os importantes êxitos, totais ou parciais, já conquistados por milhares de trabalhadores comprovam que o momento é particularmente favorável para a luta vitoriosa pelas suas reivindicações económicas imediatas, como o Partido Comunista vem insistentemente afirmando. Entusiasmados pelos resultados conseguidos pelos seus camaradas e contagiados pelo espírito combativo que está animando o proletariado, novos sectores de trabalhadores entram em luta nos meses de Abril e Maio.

Em Maio, desencadeiam uma greve total os pescadores de sardinha de Setúbal, quando ao fim de cerca de um mês de greve os 3.000 pescadores do bacalhau conquistam importantes concessões. Os motoristas das traineiras e enviadas da costa do Algarve iniciam a luta apresentando as suas reivindicações.

No dia 1.º de Maio paralisam o trabalho os operários da SAP (Santa Iria), e em meados de Abril as operárias da NICOLA.

Em Abril iniciam a movimentação reivindicativa, entre outros, os trabalhadores dos Serviços Municipalizados Gaz e Electricidade do Porto, as telefonistas de Lisboa, e em Maio os Têxteis do Porto.

O proletariado agrícola de várias regiões do Alentejo e do Ribatejo inicia em Março e Abril greves, concentrações e outras acções por aumento de salários e pelas 8 horas de trabalho.

Na véspera do 1.º de Maio, cerca de 1.000 ferroviários das oficinas concentraram-se no Barreiro junto do seu Sindicato para exigirem uma resposta sobre as negociações do Acordo Colectivo de Trabalho. Como não apareceram os dirigentes sindicais, vários operários tomaram a palavra para falarem sobre os problemas e reivindicações da classe, apoiados calorosamente por todos. A C.P. e o governo atiraram as forças repressivas contra eles, mas os valentes ferroviários não se

intimidaram.

#### Prosseguir a luta para novas vitórias

Um aspecto que se está a verificar na luta reivindicativa, é a persistência e a continuidade na luta de várias classes, como os ferroviários e dos operários da CUF, LISNAVE e outras empresas onde foram conquistadas vitórias parciais que não satisfizeram totalmente os operários.

O prosseguimento da ofensiva das massas trabalhadoras exige esforços redobrados dos militantes e dos trabalhadores de vanguarda. Exige um trabalho orga-

nizativo em profundidade, consolidando as comissões de unidade nas classes e empresas que entram em luta, e ligando-as mais solidamente à massa operária.

Urge aproveitar e canalizar o ambiente combativo que se está desenvolvendo, para chamar à luta novas classes e sectores. Há que incentivar a formação de comissões de unidade e outras formas de organização, ali onde os trabalhadores iniciam, ou mostram disposições de iniciar acções reivindicativas.

Alerta contra os perigos da divisão! O patronato e o fascismo nunca se conformam com (continua na 3.ª pág.)

## II CONGRESSO REPUBLICANO DE AVEIRO passo em frente na unidade democrática

Pelo número de participantes, pelo apoio e interesse nacional de que desfrutou, pela denúncia da política fascista que promoveu, pelas soluções preconizadas para os grandes problemas que afectam a Nação, pelas repercussões internas e externas, o II Congresso Republicano de Aveiro foi, sem dúvida, uma clamorosa afirmação de força e vitalidade dos ideais democráticos em Portugal.

Como foi assinalado no almoço de encerramento, o Congresso não resultou de qualquer dádiva liberalizante do fascismo, o Congresso foi o fruto, dizemos nós, da amplitude crescente do movimento democrático, para que têm contribuído decisivamente as grandes lutas reivindicativas das massas trabalhadoras, as lutas dos estudantes e a intensificação da acção democrática geral, tornando-se possível pelo espírito unitário, dinamismo e poder de iniciativa dos democratas de Aveiro, de que Mário Sacramento, recentemente falecido e sob a égide do qual decorreu o Congresso, é bem um símbolo.

Depois da reunião de Leiria, em que participaram 170 democratas de quase todos os distritos, o Congresso de Aveiro provou que são fortemente unitários os sentimentos da grande maioria dos democratas.

O espírito unitário que presidiu à organização do Congresso foi apoiado e estimulado por centenas de mensagens e saudações provenientes de todo o país e encontrou os congressistas, na sua grande maioria, prontos a abraçá-lo e a desenvolvê-lo. Mesmo os receios de um proeminente «socialista de expressão democrática» de que fosse «vaído» pela assistência por ter preparado a sua tese para um ambiente diferente não se confirmaram, mas toda a gente trabalhou para que tal não acontecesse. O que aconteceu sempre, foi serem calorosamente aplaudidas todas as afirmações em defesa da unidade e do revigoramento da luta anti-fascista. O que acon-

(continua na 2.ª pág.)

## O 1.º DE MAIO IMPORTANTE JORNADA DE LUTA pelo pão, pela liberdade e pela paz

Em vésperas do 1.º de Maio, dezenas e dezenas de milhares de operários das regiões de Lisboa, Margem-Sul do Tejo, Baixo e Alto Ribatejo, vinham a travar grandes lutas de classe, recorrendo a greves, paralisações, concentrações e outras formas de acção por aumento de salários e outras reivindicações.

Noutras regiões do país, como no Porto e arredores, milhares de trabalhadores movimentavam-se também nas empresas, nos sindicatos e junto das autoridades reclamando melhores condições de vida e de trabalho.

Os pescadores à linha de bacalhau de todo o País e os pescadores da sardinha de Setúbal recusavam-se a partir para a pesca nas condições anteriores, enquanto os de Matosinhos se movimentavam pela caldeirada de peixe.

Os estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto conduziam grandiosas lutas, como a greve geral que ainda se mantém em Coimbra, pelas suas reivindicações específicas contra as prepotências do governo e autoridades escolares.

Os democratas levavam a efeito importantes iniciativas, realizando reuniões mais ou menos amplas, criando novas Comissões democráticas, na luta por um recenseamento com um mínimo de seriedade, estreitando os laços entre si de um extremo ao outro do País.

O Partido Comunista Português, através dum manifesto da Comissão Executiva do seu Comité Central, distribuído em dezenas de milhares de exemplares, chamou os trabalhadores a comemorarem o 1.º de Maio lutando pelas suas reivindicações mais prementes: o Pão, a Liberdade, a Paz.

do Partido Comunista Português, através dos seus microfones, popularizou estas palavras de ordem.

Foi neste ambiente que nos aproximamos do dia 1.º de Maio.

### O governo procura intimidar

O governo do «liberalizante» Marcelo Caetano publicou as provocatórias notas oficiais dos ministérios do Interior e da Educação Nacional, ao mesmo tempo que pôs em pé de guerra todas as suas forças repressivas, incluindo a Polícia militar e a guarda Fiscal, para impedir as manifestações de massas. Particularmente em Lisboa e no Barreiro o aparato bélico era impressionante no dia 1.º de Maio.

Ao anunciar, no dia 30 de Abril, explosões em Benavente e junto do Consulado norte-americano do Porto, que tudo indica não terem passado de pura provocação policial, o governo procurava um pretexto para intimidar as massas e levar a cabo possíveis repressões (continua na 2.ª pág.)

## 1 DE JUNHO

### DIA INTERNACIONAL DA INFÂNCIA

Para acentuar com particular relevo os direitos da infância à vida, à saúde, à instrução, à paz, o dia 1 de Junho foi consagrado internacionalmente à infância, constituindo ponto de convergência de estudos, encontros, reuniões e resoluções que à criança dizem respeito. A humanidade progressista conjuga esforços para defender os direitos da infância, tanto mais espezinhados e desprezados quanto mais reaccionário for o regime político do país.

Por isso, o nosso país acusa as mais altas taxas de mortalidade infantil na Europa, excedendo os 60 por mil. Há regiões, como os concelhos de Murça, de Freixo de Espada à Cinta, e outras do interior, onde a mortalidade infantil continua a exceder os 100 por mil. Em zonas rurais, cerca de 80 em cada 100 partos decorre sem qualquer assistência médica. Tal como

não lhes são garantidos o direito à vida e à saúde, também o direito à instrução é uma simples expressão no papel, para muitos milhares de crianças portuguesas. Os filhos dos operários e camponeses não têm facilidade de acesso ao ensino secundário e muito menos ao superior. Nos meios rurais, 25% das crianças não concluem a escola primária e só 12% continuam alguns estudos depois dela.

Lutar pelos direitos da infância em Portugal é lutar contra o governo fascista, responsável pela falta de assistência e pelas graves deficiências de que são vítimas as crianças portuguesas, enquanto prossegue em África as criminosas guerras coloniais em que têm sido assassinadas bárbaramente, queimadas a napalm, esgotadas pela fome e a doença, milhares de crianças africanas.

## O 1.º DE MAIO

(continuação da 1.ª pág.) sangrentas no dia seguinte. Tudo isto, porém, tal como o encerramento das 4 Faculdades da Cidade Universitária de Lisboa e seu cerco no dia 1.º de Maio por poderosas forças repressivas, além das numerosas prisões pre-

O dia 1.º de Maio  
foi uma grande jornada de luta

O próprio governo foi impotente para esconder esta realidade embora procurasse minimizar o seu significado. Assim, na imprensa diária, as manifestações de Lisboa e Porto foram classificadas de «Incidentes por motivo do 1.º de Maio».

Em LISBOA, não obstante o grande aparato repressivo, a suspensão das carreiras dos barcos cacilheiros e outras medidas impeditivas, muitos milhares de trabalhadores e estudantes de Lisboa e arredores concentraram-se na Baixa. Só no Rossio havia cerca de 4.000 pessoas. Quando, a dado momento, a manifestação procurou romper pacificamente, a polícia de choque e outras forças repressivas com capacetes de aço, matracas e metralhadoras, lançaram-se sobre a multidão espancando a torto e a direito homens e mulheres, novos e velhos, e realizando algumas prisões. As violências policiais, os manifestantes respondiam com gritos de protesto: «Assassinos!» e ainda: «Amnistia!», «Eleições Livres!».

Várias vezes a multidão procurou arrancar os presos das garras dos bandidos da PIDE, valendo-se estes do apoio rápido da polícia de choque. O ódio à PIDE foi uma característica desta jornada de luta em Lisboa.

No PORTO: Às 18.30 horas centenas de jovens ocuparam um lado da Praça da Liberdade cantando a «Portuguesa». Num curtíssimo espaço de tempo, concentraram-se na Praça cerca de 5.000 pessoas. Os manifestantes, numa atitude pacífica, gritam: «Queremos Liberdade!» «Amnistia!», «Avante, Trabalhadores!»

ventivas realizadas na véspera e no próprio dia 1 de Maio, em Lisboa, Almada, Barreiro, Setúbal, Montemor, etc., longe de mostrar força e segurança por parte do governo fascista de Caetano, pôs mais uma vez a nu a sua debilidade e insegurança.

res!» Prontamente, os algozes da PIDE e da PSP entram a agredir e tentam prender alguns manifestantes. Conseguindo escapar, estes cercam por sua vez os policiais e respondem à pancada com pancada.

Em certa altura, um jovem que erguia um cartaz com a inscrição «Queremos Liberdade!» cai por terra sagrado. Os pides procuram arrancar-lhe o cartaz mas não conseguem. Entretanto, um grupo de manifestantes cerca o companheiro, isolando-o e defendendo-o dos pides. Com o cartaz, limpam o sangue do jovem e quando erguem de novo o cartaz ensanguentado, a multidão concentrada nos passeios aplaude e grita: «Assassinos! Assassinos!». Vários manifestantes são arrancados às garras da Pide que os levava presos.

Durante 20 minutos de concentração, a polícia não consegue dispersar os manifestantes, que agredidos, respondem com a agressão. Crescendo para os agentes, conseguem pôr alguns em fuga.

Interrompido o trânsito, a polícia procura canalizar os transportes colectivos para outros locais. Pouco depois, aparece em força a polícia de choque, armada de metralhadoras e capacetes de aço, que investe selvaticamente contra a multidão e manda avançar os auto-carros e automóveis para cima das pessoas. Os motoristas dos auto-carros ficaram indiferentes mas dois ou três «cavalheirozinhos» puseram os carros em marcha. Porém, depressa ficaram imobilizados e com as carrocerias amolgadas...

Só cerca das 20 horas a polícia conseguiu destruir a manifestação e abrir a Praça ao tráfego normal.

## II CONGRESSO REPUBLICANO

(continuação da 1.ª pág.) teceu, particularmente no almoço de encerramento, foi serem interrompidos aos gritos de «unidade! unidade!» os discursos de certos democratas que defendendo no papel a criação de uma Ampla Frente Democrática, aberta a todos, entravam na prática o caminho que conduz a essa frente, como sucedeu na reunião de Leiria. O apelo feito por um elemento do Secretariado do Congresso, perante mais de mil participantes do

### Por amplas comissões eleitorais

Os sentimentos expressos pela larga maioria dos democratas nos grandes encontros de Leiria e Aveiro devem encontrar expressão através da formação de uma rede cada vez mais densa de comissões eleitorais unitárias nomeadamente de comissões distritais onde ainda se não constituíram.

almoço do dia 17 — «Trabalhemos unidos e só unidos conseguiremos os nossos objectivos», pode considerar-se, sem dúvida, como uma das grandes mensagens do Congresso Republicano. A par dela as conclusões imediatas, lidas e aprovadas na última sessão, abrem novas perspectivas ao desenvolvimento da luta antifascista a partir de uma plataforma comum, desde que todos aqueles que lhes deram o seu consentimento actuem em conformidade com elas.

Certos democratas manifestando-se, em princípio, de acordo com a formação de comissões eleitorais de carácter unitário, trabalham no sentido de constituí-las na base de representações partidárias. É uma tendência perigosa que tem de ser combatida. Não é por acaso que ela surge daqueles mesmos sectores que se têm forçado ao amplo debate democrático, às conclusões aprovadas democraticamente nas grandes reuniões. É a tendência para fechar, para resolver nos pequenos conciliábulos, longe da vista das massas que julgam as atitudes. É a tendência para localizar os comunistas, não com objectivos policiais, evidentemente, mas ainda como manifestação de anticomunismo. Nas condições de fascismo ninguém espere ver os comunistas como tal em comissões abertas e legais. Estarão como democratas, como antifascistas, e não serão eles a perguntar a que igreja pertencem os outros.

Só comissões abertas, funcionando democraticamente, estarão em condições de dar resposta às tarefas que se colocam ao movimento antifascista no plano da legalidade.

Mas a par da unidade legal, o Partido Comunista Português tem preconizado, repetidamente, a unidade entre os diferentes agrupamentos antifascistas no plano clandestino. A este nível está o Partido Comunista sempre pronto a designar representantes seus para estabelecerem contacto com os delegados de outras formações.

### A luta eleitoral exige redobrada actividade

A verificação do recenseamento, onde pôde fazer-se, permitiu localizar os mais escandalosos atropelos e falsificações. Esta é uma amostra das «eleições livres» que o governo de Marcelo Caetano tem prometido.

No entanto, as acções de protesto promovidas pelos democratas forçaram as autoridades fascistas a algumas rectificações. Isto demonstra que apesar do propósito do governo de organizar mais uma burla eleitoral, a luta perseverante e corajosa, a força do movimento popular, podem forçá-lo a cedências que não estão nos seus planos.

A par dos protestos contra as falsificações do recenseamento que nos casos mais escandalosos podem e devem transformar-se em exigência de um novo recenseamento, é tarefa do movimento democrático organizar desde já a luta.

- Pela liberdade de organização do movimento eleitoral
- Pela liberdade de propaganda eleitoral
- Pela liberdade de reunião.

# CONTINUA A OFENSIVA DOS TRABALHADORES

## VITÓRIA NA SAP

No dia 1.º de Maio, os operários da Fábrica de bidons de Santa Iria (SAP) reuniram-se na parte da manhã, discutiram e apresentaram as suas reivindicações de aumento de salário e passagem a mensais. Da parte da tarde, não pegaram no trabalho.

No dia 2 o patrão procurou intimidar os operários, mas estes mantiveram-se firmes e conquistaram, já, o pagamento do 7.º dia.

## Motoristas das traineiras e enviadas da costa do Algarve

Reclamam a revisão do Contrato Colectivo em vigor desde 1965.

Os da área de Porlímão exigem 1.500\$000 (ganham 1.000) e 18\$00 por cada conto de pescado e os de Olhão e Vila Real de Santo António 1.350\$000 e 10\$00 por conto de pescado. Os ajudantes pretendem passar a receber 750\$000 por mês durante todo o ano e 10 por cento do pescado.

Melhores condições de segurança no mar e melhoria da assistência médica, são reivindicações comuns a todos.

Atenção, motoristas e ajudantes: não vos deixeis enganar com as manobras e ameaças dos armadores! Unidade e firmeza!

(continuação da 1.ª pág.)

as derrotas, e procuram fazer perder aos operários as vantagens conquistadas pela sua luta. A divisão é uma das armas que eles usam. É o que está acontecendo na UTIC onde foi despedido um operário destacado na luta, depois da paralisação que deu uma vitória parcial aos operários, com aumento inferiores aos exigidos. Para dividi-los, o patronato só passou a mensais os que tinham mais de dez anos de casa.

Iguais perigos de divisão estão ameaçando os trabalhadores da Carris e os da Cimento Tejo onde só foram aumentados os fiscais e os moleiros. O patronato continua a sua política de divisão na COVINA, gratificando o pessoal que não aderiu à greve.

Isto exige trabalho de esclarecimento e um grande esforço dos operários de vanguarda e dos mais conscientes, para a consoli-

A TODOS OS TRABALHADORES, repetimos o apelo feito pelo camarada Cunhal na sua recente entrevista à RPL:

«É necessário insistir, alargar, intensificar a luta pelas reivindicações económicas dos trabalhadores, pela necessidade inadiável de defender os seus interesses e também porque a luta económica será sempre, mesmo numa época revolucionária, escola de educação política das mais largas massas e arma poderosa contra o poder dos monopólios».

dação da unidade.

A intimidação repressiva, as represálias patronais, os despedimentos, são uma ameaça com que os trabalhadores têm que contar, mantendo a coesão e unidade à volta da organização forjada para a luta, e organizando a defesa, mesmo depois das suas lutas saírem vitoriosas. Há que realizar na prática o princípio: UM POR TODOS E TODOS POR UM, à menor tentativa de despedimentos e represálias contra camaradas destacados na luta. O menor indício de desunião ou fraqueza servirá ao patronato para retirar a todos, mais tarde ou mais cedo, as vantagens que todos conquistaram unidos.

Dirigimos particularmente estes conselhos aos operários da GUF, CARRIS de Lisboa, UTIC, FORD onde o patronato tenta a divisão e começa a exercer represálias.

## À LUTA têxteis do Porto!

Um grupo de operários têxteis dirigiu uma circular aos seus companheiros de trabalho, alertando-os para a ameaça de encerramento de novas fábricas e consequente desemprego para muitos deles, chamando a sua atenção para a desactualização do Contrato Colectivo e para os baixos salários na indústria enquanto sobe o custo de vida. A circular faz-se eco da revolta da classe pela anulação arbitrária e ilegal da lista para a direcção do Sindicato e a nomeação duma Comissão Administrativa para o dirigir, ilegalidades praticadas pelo INT.

O grupo de têxteis apela à unidade e organização dos têxteis do Porto, para a luta por:

- Aumento de salários;
- Garantia de trabalho;
- Revisão do Contrato Colectivo;
- Abolição das multas e castigos;
- Eleições nos Sindicatos de direcções da confiança dos têxteis.

## VITÓRIAS

QUE SE CONFIRMAM

Recebemos mais pormenorizada-mente a confirmação da vitória conseguida pelos operários da Sociedade Portuguesa da Lapidagem de Diamantes depois da paralisação de trabalho. Além do aumento prometido para breve, passaram a receber por inteiro os 3 primeiros dias de baixa por doença, e o direito a 6 faltas anuais justificadas.

Os operários da SONADEL, Ribatejo, passaram todos a mensais.

## OS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS ENTRAM EM LUTA

GREVE EM TODA A REGIÃO DE ALPIARÇA de 20 a 26 de Abril, por aumento de jornas e as 8 horas de trabalho. O aspecto característico desta greve foi a concentração dos valentes operários agrícolas na vila, levando as suas enxadas às costas...

NA QUINTA DE ALORNA, ALMEIRIM, GREVE VITORIOSA. Os operários agrícolas da região foram secundados pelos seus camaradas da Beira, e «ratinhos», nas reivindicações comuns de aumento de salários, salário igual para todos e horário das 8 horas.

EM BENFICA DO RIBATEJO, na Sociedade Agrícola Casalinho, os trabalhadores reclamaram aumento de salários e as 8 horas. Antea sua determinação de recorrerem a formas de luta, a direcção apressou-se a garantir a satisfação daquelas reivindicações.

CONCENTRAÇÃO NA PRAÇA DE JORNA em Canha, Vendas Novas, na primeira semana de Abril. Os operários agrícolas concentraram-se, negando-se a trabalhar por 70\$000 e reivindicando um aumento de 20\$000 diários. Firmemente, afirmaram que não arrancavam por menos. Venceram, passando a ganhar os 90\$000 nas 8 horas de trabalho.

Animados pelos êxitos conseguidos com estas lutas, os operários rurais têm de começar desde já a discutir as jornas e condições a exigir (entre elas o horário das 8 horas), para os trabalhos que agora começam: ceifas, trabalhos dos arrozais, espanta do tomate e da cortiça. A utilização das praças de jornas,

a discussão colectiva das reivindicações e das formas de luta a seguir, a organização, a unidade, são o caminho para os trabalhadores conquistarem novas vitórias!

## PARALISAÇÃO NA NICOLA

As operárias da secção de tecelagem realizaram uma paralisação em meados de Abril, como protesto por terem tido só um aumento de 4\$00 (os homens tiveram 6\$00). Exigiram um aumento de salários mais elevado.

## « QUEREMOS AUMENTO DE SALÁRIOS! »

Com este grito, os trabalhadores dos Serviços Municipalizados de Gaz e Electricidade do Porto concentraram-se às 16 horas do dia 25 de Abril em frente do gabinete do engenheiro Soares para apresentarem as suas reivindicações: Aumento de salários, pagamento do 7.º dia, integração nos serviços da Previdência.

## A burla da « Previdência Rural »

No artigo com este título do último número do «Avante!», uma gralha tipográfica alterou gravemente o sentido do texto: dizíamos que 600.000 assalariados rurais não verão nenhum benefício, nem para já, nem nos anos mais próximos, com a chamada «Previdência Rural» fascista, e não 60.000 como apareceu impresso.

## Telefonistas de Lisboa

Em Abril, as telefonistas de Lisboa enviaram ao Correio-Mor uma exposição subscrita por centenas de assinaturas, reclamando uma revisão nos vencimentos, com aumento não inferior a 1.000\$000, subsídio de férias, obras sociais para os seus filhos e protestando contra as exigências de produtividade.

## AS MULHERES NO COMBATE PELOS SEUS DIREITOS

Além das comemorações do Dia Internacional da Mulher já referidas no «Avante!», realizaram-se outras em vários pontos do País.

No seu conjunto, as reuniões, colóquios, artigos nos jornais e outras acções a propósito do dia 8 de Março, representaram uma importante conquista e um acontecimento novo no nosso país, pois pela primeira vez esta jornada foi comemorada em Portugal aberta e legalmente.

No Baixo Ribatejo, numa reunião de cerca de 20 mulheres, trocaram-se opiniões sobre a situação da mulher em Portugal e a necessidade de desenvolver a sua luta contra as humilhantes discriminações de ordem económica, política e social a que está sujeita, contra as guerras coloniais, o aumento do custo de vida e a repressão.

No Barreiro, realizou-se um colóquio com cerca de 120 pessoas, na sua maioria mulheres. Em Almada, um jantar de confraternização na Cooperativa Piedense. Integrado nas mesmas

comemorações, em Coimbra teve ainda posteriormente lugar um colóquio sobre «a Mulher e a situação escolar» e «a Mulher e o trabalho».

Na cantina da Cidade Universitária, em Lisboa, realizou-se um almoço de confraternização seguido de um colóquio, com a presença de 200 estudantes e vários intelectuais, na sua maioria mulheres. Vinhetas e tarjetas alusivas ao 8 de Março circularam em todas as escolas.

As numerosas acções ligadas à jornada Internacional da Mulher, assim como a participação enérgica e corajosa de largos milhares de trabalhadores nas lutas reivindicativas demonstram que as mulheres portuguesas estão decididas a prosseguir e intensificar a luta pelos seus direitos específicos e o combate contra a exploração capitalista, a par da luta contra a repressão e pela Amnistia, pelo fim das guerras coloniais, pela Paz, pela Democracia, condições indispensáveis para tornar possível a verdadeira emancipação da mulher.

## Exijamos revisão geral do recenseamento

Depois das alardeadas alterações da lei eleitoral, os resultados do recenseamento até agora obtidos põem completamente a descoberto a demagogia e os propósitos dos governantes fascistas de levarem a cabo uma nova farsa eleitoral.

Exceptuando o distrito de Aveiro, os restantes distritos apresentam percentagens que oscilam apenas entre 12 e 22%, denunciando um recenseamento extremamente viciado.

Durante o curto período de fiscalização, e apesar de todas as dificuldades levantadas, em muitos distritos os democratas detectaram as mais flagrantes ilegalidades: inexistência de cadernos eleitorais e sua substituição por verbetes de inscrição, recusa de inscrições, omissões e incorrecções na identificação, inscrição de eleitores fora da área da residência, aparecimento de 2 espécies de «cadernos» nalguns locais, além da recusa aos democratas de consultarem pessoalmente e copiarem as folhas do recenseamento na maior parte dos casos.

Os governadores civis de Lisboa, Porto e Leiria, e o próprio ministro do Interior, pela acção dos democratas, viram-se forçados a procurar justificar com «explicações» demagógicas as infracções denunciadas.

As novas fraudes que os fascistas preparam, quer tardando a publicação dos resultados da grande maioria dos distritos, quer recusando-se a dar satisfação às justas reclamações apresentadas, os democratas devem responder sem demora, com um trabalho de esclarecimento e ampla mobilização das massas populares, para que seja exigido:

Revisão geral do recenseamento!  
Inscrição de todos os eleitores!  
Fiscalização e cópia dos cadernos eleitorais!

## O «ESTADO SOCIAL» DO SR. CAETANO

Na «lição» que deu aos representantes dos municípios de todo o país, no passado dia 21 de Maio na cidade do Porto, sobre o Estado, o Sr. M. Caetano a certa altura disse:

«É por isso que defendo um Estado social — mas não socialista. Social na medida em que coloco o interesse de todos acima dos interesses dos grupos, das classes ou dos indivíduos».

Como demagogia barata não há melhor, deve reconhecer-se.

Porém, o «Estado Social» que o Sr. Caetano sempre defendeu e que hoje dirige é o Estado da grande burguesia cuja política e interesses rapaces se opõem aos interesses do proletariado e da Nação.

Segundo números de 1962, que de então para cá pouco devem ter variado a favor das massas populares, 2,3% da população recebe cerca de 50% do rendimento português, enquanto que 97,7% recebe os outros 50%.

Na verdade 2,3% da população portuguesa não passa dum peque-

no grupo de grandes capitalistas, grandes proprietários rurais e urbanos, grandes industriais e altos funcionários, cujos interesses o «Estado social» do Sr. Caetano defende em oposição aos interesses da classe operária e das massas laboriosas.

Segundo a insuspeita revista «Vida Mundial» de 11 de Abril de 1969, à custa da maior das misérias «alguns milhões de pessoas, umas centenas de indivíduos acumularam fortunas superiores ao milhão de contos. 300 indivíduos contavam-se, não há ainda muito tempo, nestas condições».

Quer dizer, a fortuna conjunta deste pequeno grupo de indivíduos no pequeno Portugal ultrapassa em mais de 15 vezes o valor dos salários e ordenados anuais de um milhão de trabalhadores.

E diz o Sr. Caetano com todo o seu ar de seriedade que o seu «Estado Social» mas não socialista — coloca os interesses de todos acima dos interesses dos grupos e das classes.

— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO, com lucros líquidos de 83.884 contos em 1968. Ponta

de lança do capital estrangeiro em Portugal, abriu nova agência em Paris com o fim de estreitar os laços económicos com a EFTA e o Mercado Comum e acelerar os investimentos estrangeiros em Portugal e colónias. O Banco Português do Atlântico, dirigido pelo «patriota» Cupertino de Miranda, é associado e fundador do:

— BANCO COMERCIAL DE ANGOLA, com 37 agências em Angola, que obteve lucros líquidos de 27.430 contos em 1968.

— BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, lucros em 1968 de 68.070 contos. Em 1968 abriu 30 novas agências, 6 em Portugal e 24 nas colónias, das quais 13 em Angola e 11 em Moçambique. Os principais «patriotas» deste banco são o Champallimaud, o professor Luis Teixeira Pinto, o Conde de Caria, o engenheiro Jorge Jardim.

— BANCO BORGES & IRMÃO, cujos lucros líquidos em 1968 foram de 55.400 contos e tem como principal «patriota» o Conde da Covilhã, foi o fundador do:

— BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL cujos grandes progressos e mais de 15 mil contos de lucros se devem ao alargamento da rede de agências nas colónias que atingiram em 1968 o total de 42 estabelecimentos bancários em Angola e Moçambique.

# O SAQUE DAS COLÓNIAS E OS «PATRIOTAS» QUE DEFENDEM A GUERRA COLONIAL

— BANCO NACIONAL ULTRAMARINO — na base de cujo poderio está a exploração desenfreada dos povos das colónias, e do povo português. Em 1968 obteve lucros líquidos superiores a 214 mil contos. Até este ano, o «patriota» Marcelo Caetano desempenhou o cargo de Presidente da sua Assembleia Geral. Na direcção, tem «patriotas» como Vieira Machado, Luis Pereira Coutinho e Castro Fernandes.

— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO, dirigido pelo «patriota» Cupertino de Miranda, é associado e fundador do:

— BANCO COMERCIAL DE ANGOLA, com 37 agências em Angola, que obteve lucros líquidos de 27.430 contos em 1968.

— BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, lucros em 1968 de 68.070 contos. Em 1968 abriu 30 novas agências, 6 em Portugal e 24 nas colónias, das quais 13 em Angola e 11 em Moçambique. Os principais «patriotas» deste banco são o Champallimaud, o professor Luis Teixeira Pinto, o Conde de Caria, o engenheiro Jorge Jardim.

— BANCO BORGES & IRMÃO, cujos lucros líquidos em 1968 foram de 55.400 contos e tem como principal «patriota» o Conde da Covilhã, foi o fundador do:

— BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL cujos grandes progressos e mais de 15 mil contos de lucros se devem ao alargamento da rede de agências nas colónias que atingiram em 1968 o total de 42 estabelecimentos bancários em Angola e Moçambique.

— BANCO TOTA ALIANÇA cujos «patriotas» mais destacados são os Mellos da CUF, teve lucros líquidos em 1968 de 33.600 contos. É o principal fundador dos seguintes bancos:

— TOTA — STANDARD DE ANGOLA e do BANCO STANDARD — TOTA DE MOÇAMBIQUE.

— BANCO FONSECAS & BURNAY, cujos lucros líquidos foram de 32.475 contos em 1968, ligou-se ao Totta Aliança para a criação das suas filiais em Angola e Moçambique.

— BANCO DE ANGOLA com lucros superiores a 75.000 contos, com os «patriotas» Moreira Rato e Ruy de Mello na direcção.

Nos seus discursos patrióticos-colonialistas, M. Caetano não fala num punhado de gigantescos monopólios estrangeiros, só ou associados aos «patrióticos» monopólios portugueses.

Vamos citar alguns dos que fizeram novas avançadas no saque aos povos coloniais, só nos meses de Janeiro e Fevereiro de 1969, com o «patriota» Marcelo Caetano no governo:

— PETRÓLEOS DE ANGOLA Em 24 de Janeiro de 1969 a ANGOL associou-se à PETRANGOL para se associarem ambas, por sua vez, à TEXACO PETRÓLEOS DE ANGOLA, companhia americana que ficará com o direito à prospecção e exploração de petróleo na vasta zona (terrestre e marítima) do Congo em Angola.

Os «patriotas» portugueses ideólogos da «missão civilizadora de Portugal em África, que fizeram o contrato, foram: General Santos Costa e comandante António Ricciardi (pela Petrangol), o prof.

Coste Leite (Lumbralles) da Saco e general Kaulza de Arriago (pela Angol). O «patriota» Francisco Cazal Ribeiro também come do bolo pela CIDLA, com interesses na ANGOL.

— MINÉRIO DE FERRO DO CASSINGA

Em 29 de Janeiro de 1969 foram negociados 800.000 contos de créditos estrangeiros à Companhia Mineira do Lobito, concedidos pelo BANKERS TRUST COMP. e outros bancos de Londres, um banco de ZURIQUE e outro ITALIANO; 2 consórcios alemães-ocidentais encabeçados respectivamente pelo DEUTSCHE UNION BANK e pelo BANCO DE HAMBURGO. Os «patriotas» portugueses que trataram do negócio foram Carlos Krus Abcassis e Eduardo Serra Brandão.

FRIED KRUPP é o monopólio alemão com interesses no ferro de Cassinga.

— DIAMANTES DE ANGOLA. Concessão de exploração numa área de 27.500 quilómetros quadrados entre Benguela e Sa da Bandeira à empresa DIVERSA INC. (do Texas) 98% dos capitais serão americanos.

— ENXOFRE DE ANGOLA No mês de Fevereiro foi feito contrato entre o governo português e a empresa do TEXAS «IENNECO — ANGOLA INC.» com a concessão em regime de exclusivo da pesquisa de enxofre, gesso e amidrite em vastas áreas de Angola.

— PETRÓLEO DE MOÇAMBIQUE — Em Fevereiro foi dada a notícia do início das sondagens submarinas pela MOZAMBIQUE GULF OIL na costa ao longo da cidade da Beira.

— HARRY OPPENHEIMER ESTENDE OS TENTÁCULOS

O «patriota» Marce o Caetano, que recebeu de braços abertos o financeiro Oppenheimer, fez em meados de Fevereiro novos contratos com ele para a instalação de mais uma fábrica de castanha de caju em Moçambique, da firma sul-africana RAND SELECTION cujo presidente é Oppenheimer. Este também é dirigente da DIAMANG, concessionária da exploração dos diamantes de Angola, da ANGOLA-AMERICAN CORPORATION OF SOUTH AFRICA e da DEDEERS CORPORATION De onde se prova a «desinteressada» aliança entre Portugal e a África do Sul para a luta contra os movimentos nacional-libertadores de Angola, Guiné e Moçambique.

É para defender os «bens» e super-lucros do capital financeiro e monopolista nacional e estrangeiro que M. Caetano intensifica as guerras coloniais, acelera os envios de contingentes para as colónias, e concedeu uma nova verba de 2 milhões de contos para reequipamento extraordinário do Exército e da Aeronáutica.

Não podemos esquecer que as guerras coloniais se soldam em sangue e morte de jovens portugueses. O ódio crescente contra as guerras coloniais, principalmente entre a juventude, tem que ser canalizado em acções concretas de protesto. Enquadrada no actual ascenso da luta reivindicativa das massas trabalhadoras e da acção democrática, há que recetar, com novo vigor a luta contra as guerras coloniais e o colonialismo.

# GREVE GERAL NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Num período de grandiosas acções massivas desencadeadas quase diariamente após a inauguração oficial da secção de Matemáticas da Faculdade de Ciências, em 17 de Abril, milhares de estudantes souberam cimentar entre si e à volta dos seus dirigentes associativos uma sólida unidade capaz de enfrentar a repressão e arrancar importantes vitórias ao governo de Caetano.

Os fascistas tinham negado a palavra ao presidente da Associação Académica, na tentativa de amodar a voz dos estudantes, sabendo que esta não poderia erguer-se para lhes tecer louvores. Com efeito, o edifício da secção de Matemáticas agora inaugurado, projectado há 25 anos (1), já não responde às crescentes necessidades acumuladas. As salas já estão hoje superlotadas; não existem salas de estudo nem instalações para alunos, além de muitas outras moléstias com que nasceu...

Era esta apenas uma entre as múltiplas e justas razões, quer de ordem pedagógica, social ou associativa que os fascistas não desejavam ouvir e que os estudantes não poderiam calar. Concentrados no átrio em frente do edifício e apinhando-se nas escadarias, além daqueles que conseguiram lugar na sala, mais de um milhar de estudantes patenteavam o seu descontentamento. Em grandes cartazes que empunhavam, podia ler-se: «Em Portugal 40% de analfabetos», «Democratização do ensino», «Intervenção das AAEE na vida e reforma da Universidade», «Estudantes no governo da Universidade», «Reintegração dos professores e estudantes expulsos», «Não esqueçamos os 9 pontos».

Alarmados e recusando-se a ouvir o presidente da Associação Académica, os fascistas encerraram precipitadamente a sessão, provocando desta forma a mais viva indignação dos estudantes. Ocupando completamente a sala abandonada, 1.500 estudantes manifestaram abertamente as suas justas reivindicações através do presidente da sua Associação,

dum representante da Junta de Delegados da Faculdade de Ciências e dum membro da Comissão Nacional.

A prisão do presidente da Associação por 7 agentes da Pide, às 2 horas da madrugada do dia seguinte, e a suspensão de 8 dirigentes associativos dias depois, foram novas forças catalizadoras que elevaram o ímpeto combativo, a firmeza e a coesão das massas estudantis.

Em frente da sede da Pide, onde foram ferozmente agredidos pela polícia de choque, armada de metralhadoras, e por cães polícias, os estudantes exigiram e alcançaram a libertação do seu colega preso. Numa concentração de cerca de 4.000 estudantes, foi comemorada, nesse mesmo dia, esta importante vitória. Em seguida, numa Assembleia Magna, mais de 2.000 estudantes votaram, por unanimidade: que o Senado universitário proteja os estudantes da repressão policial, que sejam respeitadas as liberdades públicas e universitárias. A Assembleia terminou com uma marcha de solidariedade de cerca de 1.500 estudantes ao hospital da Universidade, onde se encontrava, gravemente ferido, um popular que a violência policial também atingira.

Em nova Assembleia Magna com cerca de 3.000 estudantes, mais de 2 dezenas de professores, e na presença de alguns estudantes de outras Academias, logo que se tornaram conhecidas as suspensões e a ameaça de instauração de processos disciplinares a 8 dirigentes associativos, foi unanimemente decidido o LUTO ACADEMICO, como forma de protesto.

Greve geral às aulas, assembleias magnas sucessivas, sempre com a presença de cerca de 4.000 estudantes; aulas transformadas em debates com a participação de muitos professores; reuniões de trabalho em que também participam dezenas de professores; constituição de uma comissão conjunta de professores e estudantes suspensos para contactar o presidente da República;

constituição de comissões paritárias de professores e alunos para a reforma do ensino em Medicina e Letras; elaboração de cadernos reivindicativos em todas as Faculdades, — eis o vasto conteúdo do LUTO ACADEMICO dos estudantes de Coimbra, que o encarceramento repressivo da Universidade em 6 de Maio não conseguiu quebrar.

Na sua insidiosa comunicação de 30 de Abril, preparando o terreno para esta nova investida da repressão fascista, o ministro da Educação classificava de «onda de anarquia» e de «crescente onda de indisciplina» este ascenso impetuoso da luta estudantil. Dizendo que muito preza a verdade, aquele ministro, como bom fascista, mente descaradamente e emite factos para mentir melhor. Nada diz das brutalidades policiais infligidas aos estudantes (continua na 6.ª pág.)

## Dez presos políticos LIBERTADOS

Em meados de Abril foram libertados Olívia Sobral, Amélia Estêvão, Custódia Dias, Aurora Capela, João Camilo, Manuel Baridó, Sebastião Barradas, Ernesto Gomes, Duarte Nunes Pinto e José Drago.

Começam a aparecer os resultados duma longa e tenaz campanha pela Amnistia, vigorosamente reforçada nos últimos meses e enquadrada no ascenso geral da luta popular de massas.

Aproveitemos com audácia as possibilidades que se abrem a novas vitórias, e exijamos a libertação de Pires Jorge, Octávio Pato, Blanqui Teixeira, Dias Lourenço, Carlos Costa, José Carlos, Fernanda Tomás e de todos os abnegados defensores do nosso povo que se encontram encarcerados!

## A INFLAÇÃO E OS ABRVAMENTOS DO CUSTO DE VIDA

O rápido desenvolvimento do processo inflacionista que vem sendo observado, especialmente a partir de 1961, na economia portuguesa, constitui facto de relevo que não pode deixar de se evidenciar, tanto mais que se apresenta como factor determinante dos sucessivos agravamentos do custo de vida.

A situação assim criada, que vai gerando a continua desadaptação entre os salários e ordenados e os preços, tem provocado grandiosas lutas reivindicativas dos trabalhadores. Mas a subida nos vencimentos nominais, além de se processar com atraso em relação aos aumentos nos preços, não tem compensado o agravamento destes. Daí a redução nos poderes de compra, a qual tem sido reajustada, nalguns casos, por acréscimo de tempos de trabalho (horas extraordinárias e empregos adicionais).

Diversos factores têm contri-

buído para o clima inflacionista português, salientando-se os respeitantes ao acentuado desenvolvimento das receitas de turismo e remessas de emigrantes, crédito externo, desvios para as guerras coloniais e despesas militares dos capitais necessários aos investimentos produtivos, circuitos de comercialização demasiado onerosos suportados pelos consumidores (caso dos intermediários), escassez de produções para as necessidades a satisfazer «aliviadas» por aumentos nas importações, as quais têm provocado défices máximos na balança comercial, e o extraordinário crescimento da massa monetária em relação ao verificado no produto interno bruto.

Quanto a este último aspecto, considera-se útil o seu desenvolvimento pois é, em geral, mal conhecido. Para esse fim dispõem-se a seguir os dados relativos à massa monetária e ao produto interno em milhares de contos:

|   | 1961   | 1965    | 1966    |
|---|--------|---------|---------|
| Moeda em circulação   | 14.777 | 19.681  | 19.829  |
| Depósitos à ordem   | 39.120 | 61.832  | 67.082  |
| Depósitos com pré-aviso e a prazo                                 | 7.076  | 21.092  | 24.449  |
|   | 60.973 | 102.605 | 111.360 |
| Depósitos inter-instituições de crédito (a deduzir)               | 5.656  | 9.245   | 9.306   |
|   | 55.317 | 93.360  | 102.054 |
| Produto interno bruto ao custo dos factores e a preços correntes: | 71.489 | 98.311  | 104.379 |

No período 1961-1966, a moeda em circulação apresenta-se com um aumento de 5 milhões de contos, os depósitos à ordem, deduzidos dos depósitos inter-instituições de crédito, cresceram no volumoso quantitativo de 24,3 milhões de contos e os meios quase imediatos (depósitos com pré-aviso e a prazo) acusam também excepcional subida de 17,3 milhões de contos. O incremento total cifrou-se, por conseguinte, em perto de 47 milhões de contos enquanto o acréscimo no produto interno se estabeleceu em 33 milhões de contos, isto é, em menos 14 milhões de contos do que o indicado para toda a massa monetária. Esta

atingiu, em 1966, valor quase idêntico ao do produto, enquanto em 1961 se situava em apenas 77% do mesmo.

Esta deterioração entre as duas grandezas (que se tem agravado de 1966 para cá), associada ao aumento na velocidade de circulação da moeda, que é o comum aos processos inflacionistas, traduz, de forma bem patente, a via perigosa encetada e de reflexos graves no poder de compra da população.

Na sua recente entrevista ao «New York Times», M. Caetano minimizou a situação inflacionista, pretendendo que ela se mantém «em limites de moderação», para defender a sua política de congelamento de salários enquanto o custo de vida não pára de subir.

Ora a verdade é que ao próprio governo fascista cabe toda a responsabilidade pela grave inflação desencadeada, da qual só saca vantagens o grande capital monopolista.

## Quantias recebidas dos amigos do Partido

|   |                                      |  |   |
|---|--------------------------------------|--|---|
| Afonso Gregório 85\$00                        | « socialista 200\$00                 | Luta armada 280\$00                                | lugel livre 50\$00                      |
| Ajuda 1.500\$00                               | Dois camaradas 560\$00               | Memória Manuel R. da Silva 120\$00                 | Prof. Pulido Valente (10,11,12) 100\$00 |
| À memória Fernando Vicente (9,10,11,12) 200\$ | Emblemas soviéticos 170\$00          | Idem 36\$00  | Reforma Agrária 50\$00                  |
| Idem (Natal) 600\$                            | Em frente pela unidade 600\$00       | Idem 200\$00                                       | Rumo à vitória 60\$                     |
| Amigos e arredores 300\$00                    | Em memória de um militante 132\$60   | Idem 20\$00  | Sedov (7,8,9) 300\$                     |
| Idem 50\$00                                   | Filho de peixe «sabe nadar 40\$00    | Médico comunista 2.000\$00                         | Sarra ver-meia 250\$00                  |
| Amigos sem cansaço 336\$00                    | Hetena Magro 600\$                   | Moçambique Livre (2) 500\$00                       | Simpalzarite do P.C.P. 100\$00          |
| A minha ajuda 1.000\$00                       | Imprensa democrática (11,12) 100\$00 | Nalal e Ano Novo 150\$00                           | Tarrafal 1.060\$00                      |
| Anti-revisonismo (E) 500\$00                  | Iniciativa 770\$00                   | No bom caminho 1.500\$00                           | Têxteis uni-vost 15\$                   |
| António (9,11,12) 300\$00                     | Idem 422\$50                         | Idem 20.000\$00                                    | Uma amiga de Paris 275\$00              |
| Augusto Lindolfo 100\$00                      | José Adelino dos Santos 40\$00       | Pela firmeza de Pires Jorge 240\$00                | Uma família alentejana (11,12) 200\$00  |
| Aurélio Dias 160\$00                          | José Vitoriano 2.000\$00             | Pela unidade 3.000\$                               | Um amigo 7\$00                          |
| Avante 150\$00                                | Lenine 20\$00                        | Pela vitória do n/ Partido 112\$00                 | Idem 5\$00                              |
| Avante pela liberdade(X) 20\$00               | Liberdade para Canais Rocha 10\$00   | Pires Jorge 30\$00                                 | Idem 5\$00                              |
| Bento Gonçalves (AA) 170\$00                  | « para Octávio Pato 1.200\$00        | Por Angola 50\$00                                  | Unidade e acção 500\$00                 |
| Campanha Natal 500\$00                        | a José Bernardino 230\$00            | Por uma verdadeira democracia 384\$60              | Venda de um anel 1.300\$00              |
| Casal alentejano 50\$00                       | « e Demo- cracia 10.000\$00          | Por um Por- tivo 42.750\$00                        | Viva o Leninismo! 500\$00               |
| Che Guevara 500\$00                           | Liberdade 19\$50                     | Recebemos e demos o destino respectivo 42.750\$00  | Venda de um anel 1.300\$00              |
| Comissão sem cansaço 670\$00                  | Luta dos bancários 1.100\$00         | de solidariedade de Can. para os presos políticos. | Viva o Leninismo! 500\$00               |
| Democracia 500\$00                            |                                      |  | TOTAL 60.107\$20                        |

## ELEIÇÕES EM FRANÇA Lição para a unidade

Após o primeiro escrutínio, algumas conclusões se podem tirar das eleições presidenciais em França. E algumas lições também, que não interessam somente ao proletariado francês. O prestígio do Partido Comunista Francês entre as massas populares ficou largamente provado, com o seu candidato, Jacques Duclos, quase em paridade com Poher e totalizando, ele só, mais do que os outros três candidatos da esquerda reunidos.

Aos olhos do proletariado e das massas trabalhadoras, o Partido Socialista, grande responsável da divisão das esquerdas, ficou desmascarado. A sua atitude divisionista impediu a esquerda de ir ao 2.º escrutínio. Negando-se a todas as tentativas unitárias do Partido Comunista Francês, fazendo malograr todos os seus esforços para acordos na base de um programa de governo comum, o Partido Socialista cometeu uma verdadeira traição, sacrificou os interesses da classe operária e do povo francês aos seus próprios interesses de grupo, servindo objectivamente a grande burguesia monopolista. Depois do escrutínio, em que os escassos 5% de votos obtidos lhe deram a medida do repúdio das massas, o Partido Socialista culminou a sua traição dando o apoio a Poher, candidato, com Pompidou, da grande burguesia.

«Os milhões de votos que foram para Jacques Duclos, afirmou o Secretário Geral do P.C.F. Waldeck Rochet, não de pesar a favor da união dos trabalhadores para o futuro democrático da França. União necessária para criar em França as condições de uma democracia avançada que leve ao socialismo.»

## GREVE GERAL NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(continuação da 5.ª pág.)  
embora as conhecesse muito bem. Afirma que «junto das autoridades estiveram sempre os mestres», quando já antes de 50-4 eram conhecidos os pedidos de demissão de todos os directores de Faculdades, do vice-Reitor e do próprio Reitor, quando não desconhecia que muitas dezenas de professores se tinham colocado abertamente ao lado dos estudantes, quando os 1.º e 2.º assistentes da Universidade, por sua própria iniciativa, tinham subscrito abaixo-assinados de apoio aos estudantes. Mentia ainda o ministro Saraiva afirmando que grande parte dos estudantes já regressara às terras da sua naturalidade. No próprio dia em que os jornais publicavam o seu comunicado, mais de 4.000 estudantes reunidos em Assembleia Magna repudiavam unânimeamente as falsidades e ameaças nele contidas. Era esta a melhor resposta ao apelo demagógico do ministro à «consciência cívica» dos estudantes, tal como o foi a sua decisão de prosseguirem firmemente a sua luta pela anulação dos processos disciplinares e pela autonomia da Universidade.

«Continuamos de luto», tal é a palavra de ordem inscrita em

## Telegrama do camarada ÁLVARO CUNHAL a GUSTAVO HUSAK



Por motivo da designação do camarada Gustav Husak para primeiro secretário do Partido Comunista da Checoslováquia, o camarada Álvaro Cunhal, secretário geral do Partido Comunista Português, enviou-lhe o seguinte telegrama:

Querido camarada:

Enviando-lhe calorosas felicitações pela sua designação para primeiro secretário do Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia, fazemos veementes votos para que o Partido Comunista da Checoslováquia alcance completo sucesso na consolidação e no prosseguimento das realizações do socialismo, no fortalecimento da unidade do Partido e do seu papel dirigente na sociedade socialista, no reforço dos laços de amizade e solidariedade com a União Soviética e demais países socialistas irmãos, no caminho radioso para o comunismo, iluminado e inspirado pelo marxismo-leninismo, pelo internacionalismo proletário.

Transmitimos-lhe, querido camarada, os sentimentos de fraternal amizade do Partido Comunista Português e da classe operária portuguesa para com o Partido Comunista, a classe operária e o povo da Checoslováquia.

Álvaro Cunhal

## Até dos mortos têm medo

O funeral do conhecido democrata Manuel Mendes foi uma demonstração de força policial e, por isso mesmo, uma manifestação de fraqueza do governo. Até dos mortos têm medo.

A casa de Manuel Mendes foi cercada por polícias das brigadas de choque, de capacete de aço e metralhadoras. No cemitério apareceram carros com polícia de choque e agentes do bando da PIDE.

Não obstante este vergonhoso aparato bélico ordenado pelo «liberal» M. Caetano, centenas de pessoas incorporaram-se no funeral do escritor e grande democrata que foi Manuel Mendes.

## Estamos com o povo brasileiro! APOIAMOS A SUA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA E A DEMOCRACIA

A visita de Marcelo Caetano ao Brasil, além da continuação da sua propaganda pessoal, representa os propósitos de estreitamento duma cooperação que se tem vindo a reforçar entre o governo fascista português e as forças reaccionárias do Brasil comandadas por Costa e Silva.

Já a propósito do centenário do nascimento de Gago Coutinho e nas comemorações da viagem de Pedro Álvares Cabral se tinham multiplicado as declarações de mútuo apoio político, económico e militar, as condecorações e visitas, entre elas a de uma força naval brasileira às colónias portuguesas em África e a portos

## NINGUÉM COLABORE COM A PIDE!

Os métodos de gangsterismo político usados pela PIDE foram mais uma vez postos em acção na perseguição a Herminio da Palma Inácio, preso político que se evadiu da prisão da PIDE do Porto. Dirigente da Liga de União de Acção Revolucionária (LUAR), estava a ser julgado por actos considerados políticos pelo próprio governo no Tribunal político Plenário do Porto.

O Partido Comunista, ao mesmo tempo que critica os métodos de acção preconizados pelo LUAR, não pode deixar de apelar à solidariedade para com Palma Inácio e aprecia a sua coragem e valentia. Levantamos o nosso enérgico protesto contra os processos criminosos da PIDE que põe a cabeça de Palma Inácio a prêmio, apresentando-o como um bandido e oferecendo 50 contos a quem o entregasse, publicando a sua fotografia e dados físicos nos jornais e lançando pela rádio apelos à sua captura. Acusamos de colaboração com a PIDE todos os jornais que se prestaram a publicar a fotografia do fugitivo.

Também protestamos e apelamos a que todos protestem contra a extradição do anti-fascista Eduardo Cruzeiro pelo governo de Franco, a pedido do governo português.

Dando a sua solidariedade e apoio a todos os presos e perseguidos políticos, as pessoas honradas do nosso povo ajudam a luta anti-fascista.

Que ninguém se preste a colaborar com os assassinos da PIDE!

da metrópole, e manobras aeronavais conjuntas. Estes contactos não significam o entendimento dos dois povos irmãos, mas sim dos dois regimes; assim, baseiam-se na cooperação oferecida pelo governo reaccionário de Costa e Silva ao governo fascista de Marcelo Caetano e à sua política de exploração e de guerras coloniais, e no apoio do governo português à política de repressão e violência desencadeada por Costa e Silva contra as massas populares, a juventude e as forças progressistas do Brasil.

No momento em que Costa e Silva intensifica a perseguição contra as massas trabalhadoras e estudantes e contra destacadas personalidades da intelectualidade progressista brasileira, como o professor Florestan Fernandes e outros, que à luta do nosso povo tem dado uma activa solidariedade, a viagem de Marcelo Caetano representa uma inequívoca afirmação de aliança das forças mais reaccionárias dos dois países; contra os povos de Portugal e do Brasil.

Como afirma a Declaração conjunta do Partido Comunista Brasileiro e do Partido Comunista Português, «na actualidade, e mais genuína expressão dos laços históricos e dos sentimentos de fraternidade que unem os dois povos são os laços de amizade e de solidariedade existentes entre os democratas dos dois países, entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista Brasileiro».

A amizade dos povos brasileiro e português cimentou-se na luta comum pela liberdade e pela independência.

Manifestemos ao povo brasileiro o nosso apoio e solidariedade à luta que trava contra a ditadura de Costa e Silva.

## Rádio Portugal Livre

Transmite todos os dias das 8 às 8,50 em 19 metros; das 19 às 21 horas em 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos uma emissão especial dedicada aos camponeses vai para o ar das 15 às 15,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

## Voz da Liberdade

Transmite todas as quartas e sábados a partir da 1,15 (da madrugada) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e em ondas médias de 250 e 320 metros.

Porto, houve várias manifestações de solidariedade: estudantes com a batina fechada em sinal de luto no cortejo, minutos de silêncio no «Saran de Arte» e na «Serenata». Em Lisboa, várias direcções de AAEE publicaram comunicados e em reuniões inter-associativas solidarizaram-se com os seus colegas de Coimbra. Os democratas de Braga, Viana do Castelo, Porto e Aveiro exprimiram publicamente o seu apoio. No Congresso Republicano de Aveiro, uma moção de apoio aos estudantes de Coimbra, apresentada por uma delegação de estudantes do Porto, foi aplaudida vibrantemente.

Com as armas poderosas que souberam forjar — altas formas de UNIDADE e ORGANIZAÇÃO — os estudantes de Coimbra têm sabido lutar e saberão vencer.

Estudantes de Coimbra! O «Avante!» saída-vos com entusiasmo pela honrosa posição de vanguarda que conquistastes na luta contra a repressão, pelos «8 Pontos», por uma Universidade livre e democrática.

Que em todas as escolas e em todos os sectores anti-fascistas se multipliquem as mais amplas e variadas formas de solidariedade aos estudantes de Coimbra!